

Saúde do Trabalhador como Direito Humano nas artes...

O trabalho na arte rupestre



[Cueva de las manos](#) [Caverna das mãos], Rio Pinturas (margens secas). Santa Cruz, Patagônia/AR. Patrimônio Mundial Unesco, 1999. Datação: cerca de 13.000 a 9.500 anos. Descoberta no século XIX.

As “mãos em negativo” – uma das primeiras técnicas de arte – foram gravadas colocando-se as mãos nas superfícies rochosas, preenchendo-se o entorno soprando-se um pigmento colorido. Pequenas e delicadas, seriam mãos de mulheres, de crianças? A arte rupestre (do latim “*rupes*”, rochedo, pedra) começou a ser cunhada pela humanidade na [pré-história](#) (cerca de 30-10 mil anos a.C.), Idade da Pedra, atravessando os períodos paleolítico superior e médio e o neolítico. Mais adiante e aos poucos, nessa era, as mãos humanas desenvolveram as primeiras ferramentas de transformação de uma coisa em outra coisa (anzóis, arco e flecha, machados “de mão” com lâminas de “pedra lascada” e cabos de ossos, agulha de osso, roupas do couro dos animais e outros), de coleta de plantas/frutos e aprenderam a cultivar a terra e a domesticar animais. Reduzindo sua dependência da natureza, as comunidades não precisavam mais migrar de territórios em busca de alimentos, organizando-se em assentamentos e começando a [divisão](#)

[do trabalho](#) (por sexo, força física, idade, aptidões e outros atributos) visando potencializar a produção de alimentos. Surgiria também a necessidade de estocar alimentos, o que os fez aprenderem a trabalhar e esculpir vasos de barro, madeira etc. Estudiosos dessa arte consideram que o intuito dos desenhos era ritualístico, instintivo derivado da necessidade de se expressar pela arte, com possíveis influências religiosas. Percebe-se a repetição das pinturas (muitas mãos, pessoas, animais ferramentas etc) que acredita-se expressarem o sentimento de coletividade nas civilizações primitivas e o propósito de marcar sua existência. O pensamento mágico, que acompanha essa etapa do desenvolvimento, ‘acreditava’ no “poder da imagem”, capturá-la na pintura era um ‘requisito’ poderoso para o sucesso da caçada ([veja](#)).

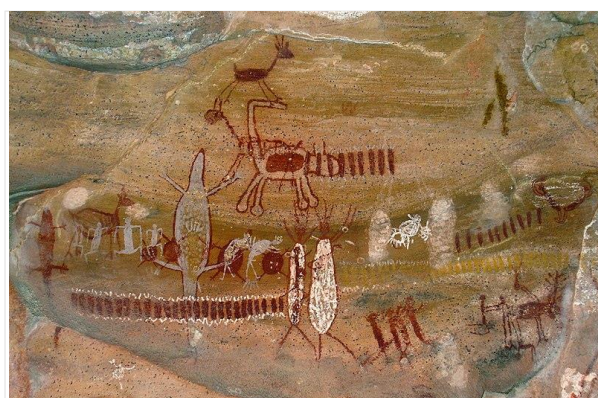
‘Poder’ este que poderia ser conquistado pela visão frequente do animal e análise de seus atributos de defesa e ataque (p.ex.: chifres, patas, tamanho), propiciando um ‘planejamento’ de ação. Os animais retratados, claro, variavam segundo a fauna das diferentes regiões (Ihmas na Patagônia/AR, cervos e touros na Espanha, lagartos no Brasil etc). É plausível supor que as ferramentas de caça acompanhassem as características diversas dos territórios. O trabalho cotidiano no estabelecimento das primeiras sociedades sedentárias teria influenciado o conteúdo das pinturas? A consciência da importância do uso das mãos, do conhecimento do alvo e do desenvolvimento de ferramentas de caça e pesca teria motivado as gravuras? Os materiais utilizados nos desenhos também mudavam (p.ex.: sangue, carvão, linfa, excrementos, barro, minerais, corantes extraídos de plantas e outros). Há registro de arte rupestre em todos os continentes (exceto a Antártida) ([veja](#)) e em períodos de tempo bem alargados, o que também influenciava os desenhos. Transformações de processos de trabalho que levaram centenas a milhares de anos para se fazerem. No início da Pré-História, morriamos em lutas com animais nas caçadas, na domesticação, na experimentação de plantas e frutos (alguns venenosos), intempéries naturais etc. Nômades, alguns não resistiam nos deslocamentos. O sedentarismo talvez tenha reduzido as mortes em caçadas mas também propiciaram o convívio mais estreito; é possível que doenças tenham começado a despertar a atenção, sendo relacionadas com forças naturais, mágicas, religiosas... As [técnicas de fabricação e modelagem de ferramentas](#) e utensílios, como a de percussão (golpes de uma pedra contra outra para afiá-la), provocavam Lesões por

Esforços Repetitivos? Achados de paleopatologia* óssea revelam lesões degenerativas e traumáticas, originando hipóteses sobre “padrões de atividade física, traumatismos agudos, micro traumatismos crônicos, esforço postural, transporte de cargas, impactos repetidos pelo uso de ferramentas” ([veja](#), p.26). Esses estudos e a arte rupestre em diálogo com o trabalho testemunham a existência de agravos relacionados às atividades humanas na pré-história. O desafio é mostrar que esses agravos se modificam, mas permanecem no mundo do trabalho atual. Em nossa era - Antropoceno - em que desenhos, pinturas, webdesign, emojis, e diversas outras artes têm sido produzidos pela *Inteligência Artificial*, temos consciência à vera do valor de nossas mãos, do suor dos trabalhadores e da coletividade para a sobrevivência da humanidade? Temos consciência de nossa humanidade? Da velocidade extrema em que ocorrem mudanças nos processos de trabalho com a robótica e como isso afeta nossas vidas? Talvez a arte rupestre possa, além de nos encantar, nos tocar para olharmos os humanos que caminham ao nosso lado... ■ ■ ■

*Nota: *Paleopatologia: “área do conhecimento que estuda as evidências arqueológicas, diretas ou indiretas, representadas por esqueletos, corpos mumificados, coprólitos e quaisquer outros remanescentes biológicos, com objetivo de investigar as alterações morfológicas e/ou funcionais associáveis a situações hoje definidas como de “doença”, “patologia”, “anomalia” ou outras variações do estado dito normal”. (veja, p.22, grifos no original)*



[Museo de la Valltorta](#) (Valência, ES)



[Vida cotidiana](#). Parque Nacional da Serra da Capivara (São Raimundo Nonato/PI, Brasil). Datação: cerca de 25 mil anos. Patrimônio Mundial Unesco (1991)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.